

## CAPÍTULO III

# DESEMPENHO MOTOR E ASSUNÇÃO DO RISCO. UM ESTUDO REALIZADO COM CRIANÇAS NO RECREIO ESCOLAR

INÊS SILVA<sup>1</sup>, BEATRIZ PEREIRA<sup>1</sup>, ANA SILVA<sup>1</sup>

### RESUMO

O objetivo do presente estudo foi verificar a relação entre o nível de desempenho motor (DM) e a capacidade de assumir riscos no recreio em crianças do 1.º ciclo. Metodologia: Participaram 35 crianças (17 do género feminino e 18 do masculino) com idades entre os 6 e 9 anos ( $7,2 \pm 1,1$ ). Para determinar o DM foi utilizado o TGMD-2. A identificação da capacidade «assunção do risco» ocorreu através da observação das crianças no recreio utilizando um guião de observação com 3 subcategorias relacionadas com a ponderação do risco, otimismo e medo de fracassar, construídas de acordo com a literatura. Resultados: da observação resultaram 3 tipos de comportamentos, positivos (CP), inversos (CI) e não observados (CNO). Verificaram-se associações estatisticamente significativas entre o nível de DM e o otimismo ( $X^2(2)=11,34$ ,  $p=0,003$ ) e medo de fracassar ( $X^2(2)=6,66$ ,  $p=0,04$ ) perante os desafios, demonstrando que os alunos com um nível de DM mais elevado apresentaram mais CP.

**Palavras-chave:** Desempenho motor; assunção do risco; criança; recreio; competência empreendedora.

---

<sup>1</sup> CIEC, Instituto de Educação, Universidade do Minho.

## INTRODUÇÃO

O processo de desenvolvimento motor ocorre desde o nascimento onde a aprendizagem motora é contínua e gradual<sup>1</sup>. O movimento, natural das brincadeiras e jogos na infância, permite melhorar o DM das crianças<sup>1</sup> mas também competências cognitivas relacionadas com a linguagem expressiva, habilidades matemáticas<sup>2,3</sup>, criatividade, imaginação<sup>4,5,6,2</sup>, a capacidade de assumir riscos e de lidar com os seus medos, bem como de resiliência e superação de desafios<sup>5</sup>. O risco faz parte do desenvolvimento de cada criança, este faz parte da infância, promovendo o envolvimento entre a criança e o mundo e o modo como ela lida perante diferentes situações. A capacidade de assumir riscos, uma das mais relevantes no perfil de um empreendedor, associa-se à coragem de defrontar desafios<sup>7,8</sup>, ou seja, quanto maior for o desafio, maior é a motivação e o entusiasmo com que o defronta<sup>7</sup>. Contudo o risco deve ser ponderado, onde as vantagens e desvantagens do mesmo devem ser consideradas. Assim, uma criança que não corre riscos tem maiores dificuldades em lidar com a incerteza e em confiar na sua capacidade de solucionar problemas<sup>9</sup>. Logo, é essencial criar as condições para que a criança possa explorar, imaginar, usufruir de diferentes ambientes e materiais<sup>10</sup> para que através do jogo e da brincadeira se fomente nas crianças o hábito de arriscar e, mesmo que o resultado não seja o esperado, o valorizem<sup>11</sup>. Sendo o recreio um dos espaços mais utilizados pelas crianças para a prática dos jogos e brincadeiras, este constitui-se como local privilegiado para o desenvolvimento integral da criança. Posto isto, o objetivo do estudo foi verificar a associação entre o nível de DM e a capacidade de assumir riscos no recreio em crianças do 1.º ciclo.

## METODOLOGIA

### *Amostra*

Participaram 35 crianças de duas turmas, sendo uma do 1.º ano com 18 alunos (9 do género feminino e 9 do género masculino) e outra do 3.º ano com 17 alunos (8 do género feminino e 9 do género masculino), com idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos ( $7,2 \pm 1,1$ ).

## *Instrumentos / Procedimentos*

Para determinar o DM das crianças foi utilizada a bateria de testes TGMD-2 (12); Para identificar a assunção do risco nas crianças foi utilizado um guião de observação, contruído com base na revisão da literatura no qual se definiram três subcategorias: a) Perante determinada situação, pondera as consequências do risco e só depois avança; b) Aceita novos desafios com otimismo; c) Não tem medo de fracassar. A observação das crianças em contexto de recreio teve a duração de 30 minutos. No centro foram colocados diversos materiais para que os alunos o pudessem explorar, sendo de sua vontade usufruir ou não dos mesmos.

Para determinar a associação entre os níveis de DM e a competência empreendedora «assunção do risco» foi utilizado o teste qui-quadrado.

## RESULTADOS

Quando avaliado o DM verificamos que as crianças se apresentaram num nível médio, acima da média, bom e muito bom, não havendo algum caso nas categorias abaixo. Relativamente à Assunção do risco, para cada uma das subcategorias foi possível verificar 3 tipos de comportamento sendo eles, CP – onde este se verifica; CI – em que este apesar de se verificar é demonstrado de modo inverso e o CNO em que este não se verifica. Em seguida, nas tabelas 1, 2 e 3 apresentamos a associação entre o DM e a presença de CP, CI e CNO de cada uma das subcategorias.

**TABELA 1**  
**Frequência e % de CP, CI e CNO relativos à subcategoria a) «Perante determinada situação, pondera as consequências do risco e só depois avança» em função do nível de DM**

Desenvolvimento Motor	Pondera as consequências e só depois avança n(%)			Total
	CI	CP	CNO	
Média/Acima da média	2(13,3)	1(6,7)	12(80)	15(100)
Bom / Muito Bom	4(20)	2(10)	14(70)	20(100)
Total	6(17,1)	3(8,6)	26(74,3)	35(100)

Deste modo, constatamos que independentemente do nível de DM, o comportamento não foi observado na maioria dos alunos. Não se verificou qualquer associação estatisticamente significativa entre os níveis de DM das crianças e os comportamentos manifestados quanto a esta subcategoria da assunção do risco ( $X^2(2)=0,45$ ,  $p=0,79$ ).

Na tabela 2 constata-se que a maior parte dos alunos com DM na média e acima da média apresentou CI (46,7%), e pelo contrário, a maioria os alunos com um DM bom e muito bom apresentou CP (70,0%). Verifica-se assim uma associação estatisticamente significativa entre os níveis de DM das crianças e a sua capacidade de aceitar novos desafios com otimismo ( $X^2(2)=11,34$ ,  $p=0,003$ ).

Na tabela 3, independentemente do nível de DM, a maioria dos alunos demonstrou CP, contudo nos alunos com DM bom/muito bom a percentagem é relativamente mais elevada e nos alunos com DM na média/acima da média verificou-se uma maior percentagem nos CI. Também aqui se verificou uma associação estatisticamente significativa ( $X^2(2)=6,66$ ,  $p=0,04$ ).

**TABELA 2**  
**Frequência e % de CP, CI e CNO relativos à subcategoria b) «Aceita novos desafios com otimismo» em função do nível de DM**

Desenvolvimento Motor	Aceita novos desafios com otimismo n(%)			
	CI	CP	CNO	Total
Média/Acima da média	<b>7(46,7)</b>	2(13,3)	6(40)	15(100)
Bom / Muito Bom	4(20)	<b>14(70)</b>	2(10)	20(100)
<b>Total</b>	11(31,4)	16(45,7)	8(22,9)	35(100)

**TABELA 3**  
**Frequência e % de CP, CI e CNO relativos à subcategoria «Não tem medo de fracassar» em função do nível de DM**

Desenvolvimento Motor	Não tem medo de fracassar n(%)			
	CI	CP	CNO	Total
Média/Acima da média	<b>6(40)</b>	8(53,3)	1(6,7)	15(100)
Bom / Muito Bom	1(5,0)	<b>16 (80)</b>	3(15)	20(100)
<b>Total</b>	7(20)	24(68,6)	4(11,4)	35(100)

## DISCUSSÃO

A consolidação das habilidades motoras fundamentais deve ocorrer entre os seis e os sete anos, contudo é no período entre os cinco e dez anos que a coordenação motora da criança progride de forma evidente<sup>1</sup>, sendo por isso uma fase onde a diversidade de movimentos, o recurso a jogos são primordiais<sup>13</sup>. Os nossos resultados vão ao encontro a estas afirmações visto que a consolidação das habilidades motoras parece ter ocorrido na idade adequada, uma vez que todos os participantes se apresentaram nos níveis médio, acima da média, bom e muito bom de DM. O jogo é promotor do desenvolvimento da criança assumindo um papel decisivo no seu desenvolvimento motor, através da promoção de habilidades motoras fundamentais bem como as capacidades motoras<sup>14,6,4</sup>. Contudo, para além da componente motora, também a componente cognitiva é estimulada pela prática de jogos e brincadeiras promovendo entre outras, competências de resolução de problemas<sup>2</sup>, criatividade, imaginação<sup>4,5,6,2</sup> de assumir riscos e de lidar com os seus medos, de resiliência e superação de desafios<sup>5</sup>. Assim, percebemos que a capacidade de arriscar está, na maioria das vezes, presente no recreio, contudo muitas vezes de forma inversa pois se por um lado arriscam, por outro não ponderam as consequências ou seja, arriscam sem que esse risco lhes traga qualquer benefício. Deste modo é necessário redirecionar estes comportamentos e desenvolver esta competência de forma construtiva e positiva. Quando comparadas as variáveis assunção do risco e DM percebemos que em 2 das 3 subcategorias da «Assunção do Risco» os CP se destacam nos níveis de DM bom/muito bom. Sendo o recreio, um dos espaços que melhor pode proporcionar o jogo e a brincadeira de forma livre e espontânea é espectável que as crianças com um melhor DM, sejam também aqueles que desenvolveram competências cognitivas que permitem arriscar, ponderando os benefícios do seu risco, aceitando novos desafios com entusiasmo e sem medo de fracassar.

## CONCLUSÃO

O recreio é um espaço que potencia jogos e brincadeiras que para além do DM, podem também potenciar a capacidade de assumir riscos. Este espaço possibilita uma maior espontaneidade levando as crianças a situações em que tenham de tomar decisões, negociar, assu-

mir riscos, aprender a lidar com a derrota, competências que são essenciais numa sociedade em constante evolução que pretende cidadãos cada vez mais dinâmicos, ambiciosos e com potencial inovador.

Os recreios devem ser repensados, valorizando os interesses das crianças e o seu potencial educativo para que todos os dias a criança tenha a possibilidade de realizar atividades que estimulem o seu DM mas também que possa encontrar no recreio um desafio que a cative, que a leve a arriscar, que melhore a qualidade das suas experiências<sup>10</sup>.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 GALLAHUE, D., & Ozmun, J. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte Editora; 2005.
- 2 HURWITZ, S. To be successful, let them play! *Childhood Education*, 2003; 79: 101-102.
- 3 FILGUEIRAS, I. A criança e o movimento – Questões para pensar a prática pedagógica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. *Revista Avisa Lá*, 2002; 11.
- 4 MIHAELA, P. Play in school context. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, 2013; 76: 597-601.
- 5 MILTEER, R. & Ginsburg, K. The Importance of Play in Promoting Healthy Child Development and Maintaining Strong Parent-Child Bond: Focus on Children in Poverty. *Pediatrics*, 2012: 203-13.
- 6 GINSBURG, K. (2007). The Importance of Play in Promoting Healthy Child Development and Maintaining Strong Parent-Child Bonds. *Pediatrics*, 2007: 181-192.
- 7 DORNELAS, J. O Processo Empreendedor. Editora Elsevier; 2008.
- 8 MALHEIROS, R., Ferla, L., & Cunha, C. Viagem ao Mundo do Empreendedorismo (2.<sup>a</sup> edição). Florianópolis: Instituto de Estudos Avançados; 2005.
- 9 Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC). Educação para a Cidadania – Guião de educação para o empreendedorismo; 2006.
- 10 PEREIRA, V., Pereira, B., & Condessa, I. O tempo de recreio na escola: que sentimentos? Que benefícios? Perspetivas dos alunos do 1.º ciclo do ensino básico. In Beatriz Pereira, Alberto Nídio Silva, & António Camilo Cunha, *Atividade Física Saúde e Lazer. Olhar e pensar o corpo – Florianópolis – SC: Tribo da Ilha*; 2014. pp. 67-88.
- 11 MENDES, F. Start iUPi – Fazer Coisas. Oeiras: Blue Go, LDA; 2012.
- 12 ULRICH, D. A. Test of Gross Motor Development – Second Edition. Austin: Prod-Ed; 2000.
- 13 RÉ, A. Crescimento, maturação e desenvolvimento na infância e adolescência: Implicações para o esporte. *Motricidade*, 2011; 7 (3): 55-67.
- 14 NETO, C. Jogo na criança & Desenvolvimento Psicomotor. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa; 1997.